

Ouro, cocaína e o Calha Norte

ARGEMIRO PROCÓPIO

Hoje no Brasil a mão-de-obra ocupada com a produção do ouro está estimada em um milhão de homens, ultrapassando de longe o emprego que as multinacionais do setor automobilístico dão juntas.

Afirma-se que aproximadamente metade deste ouro é contrabandeada para o exterior. O Uruguai por exemplo, se transformou em grande exportador, apesar de não haver em seu território uma única mina. Também se acusa a África do Sul de receber ilegalmente nosso metal e reexportá-lo como se fora seu.

Existem informações mencionando que a Região Amazônica é responsável por quase 3/3 do total da produção aurífera brasileira. Muitos são os estudos sobre os impactos ambientais, a poluição do mercúrio e sobre a degradação ecológica generalizada nas áreas de produção do ouro. E de se perguntar pro que tamanha destruição da natureza não desperta tanto a atenção da mídia internacional quanto as lamentáveis queimadas.

Não poucos são os que na Europa e Estados Unidos fazem verdadeiras fortunas às custas do ouro contrabandeado do Brasil. Só mesmo em países onde a corrupção e o suborno se tornaram numa constante da vida político-administrativa é que se suporta tamanha sangria e evasão de riquezas. No Brasil, caso o ouro fosse legalmente comercializado, substancial seria sua contribuição na solução da crise financeira e econômica, sedenta que está a Nação de investimentos em setores produtivos.

A impunidade, os caminhos abertos que têm encontrado os contrabandistas começa deixar claro que a máfia deste metal tem poderosos aliados dentro e fora daqui. Na Amazônia já se pode ver que o banditismo do ouro está sendo acobertado pela máfia da cocaína.

Muitos dos aviões que trazem a pasta da coca, ou ela já pronta e embalada para o consumo, chegam igualmente com o mercúrio proveniente do México, cujo uso agora aqui é proibido nos garimpos por lei. Tais aeronaves não voltam vazias, carregadas, além do ouro retornam com o

éter, com a acetona e ácido clorídico em grande parte produzidos por firmas norte-americanas senhoras da indústria química.

Como é sabido, tanto ouro quanto cocaína existem fartamente na Amazônia, seja na parte dos territórios do Brasil, Peru, Equador, Bolívia, Venezuela ou Colômbia. Estimativas de 1987 davam que o Peru existiam 109.500 hectares cultivados com a coca, seguido pela Bolívia com 40.300 hectares, Colômbia 25.000 e Equador com 510. No Brasil, apesar da falta de estatísticas confiáveis, prosperam entre índios e caboclos as plantações de ipadú, cujas folhas por suas virtudes, diz-se que se prestam a uma cocaína até de melhor qualidade que a dos nossos vizinhos. São cultivos quase que impossíveis de serem erradicados dentro do quadro de exploração de que é vítima a América Latina por parte dos países capitalistas desenvolvidos. Isto porque, ao contrário do homem do campo mal pago que lida com grande parte dos produtos agrícolas de exportação — cotados a irrisórios preços no mercado internacional — o camponês ou índio que planta a cocaína recebe altíssima remuneração.

Havendo pois quem plante, havendo gente de país rico que goste de consumir com muita moeda forte nos bolsos, a única coisa que necessitam os que estão no banditismo da cocaína é tranqüilidade e segurança. Nada melhor então que a própria paz da floresta amazônica onde o progresso custa a chegar, onde a presença do Estado brasileiro é praticamente simbólica. Quanto menos desenvolvida, menos habitada, menor for a infraestrutura de vigilância cívica, policial e militar, tanto melhor para a prosperidade das plantações, fabrico da coca, contrabando, evasão de riqueza e a depredação impune da própria natureza. E bom não esquecer que o refino da cocaína é uma operação poluente e sérios seus males para a floresta.

Dentre os segmentos da sociedade brasileira que têm até agora conseguido resistir aos subornos, que ainda não sujaram as mãos no enriquecedor negócio do narcotráfico, estão com certeza as Forças Armadas. Isto, ao contrário do

que vem ocorrendo em vários países amazônicos, cujas autoridades não mais conseguem esconder o envolvimento de amplos setores de suas forças militares e policiais com a cocaína. O cartel de Medellín é um trágico exemplo, por ter mergulhado a Colômbia numa luta louca. Na Bolívia altos escalões militares entraram firmes na jogada; em 1980 através de um golpe levaram ao poder o General García Meza que protegeu e fez expandir em sua terra o narcotráfico. No Panamá os militares ainda sustentam Noriega. Este ao ser acusado por tribunais dos Estados Unidos, contra-atacou e está no poder mostrando que tem apoio e grande poder de fogo ao provar o envolvimento de partes da sociedade norte-americana nos milionários caminhos dos tóxicos. O mesmo se pode dizer que ocorre no México: ali a lavagem do dinheiro de traficantes é parcialmente executada, sendo a comercialização da marihuana feita a céu aberto baixo o suborno, lá conhecido como "mordida".

Aqui no Brasil a presença militar na Amazônia, recentemente reforçada a através do Projeto Calha Norte, está se transformando em obstáculo, incomodando sensivelmente os negócios da cocaína. A enorme oposição, o rio de críticas que vem recebendo este citado Projeto no exterior tem várias vertentes. Não nos referimos aqui às originadas na disputa com a Igreja Católica que luta para manter sob sua influência os índios que ela zelosamente catequiza. Queremos apenas esclarecer que a bem orquestrada campanha contra o Projeto Calha Norte pode ter no gangsterismo da cocaína um de seus possantes instrumentos. Isto porque os negócios dos traficantes prejudicados ficam com a criação de quartéis, modernização de aeroportos, introdução de radares, preparação e mobilização de tropas. A construção de estradas, de portos fluviais, comunicações, significam vigilância e desenvolvimento em uma das mais cobiçadas e ricas partes do território nacional, até hoje meio ao "deus dará".

Grande é o peso dos interesses financeiros na manipulação das informações junto à opinião pública; não é total a independência dos

meios de comunicação da massa escritos e falados diante dos que controlam e manipulam o capital. O narcotráfico tem sólidas bases em bancos da Suíça, Inglaterra, Itália, Caribe, Panamá, Hong-Kong e Estados Unidos entre outros.

Com o mapeamento dos aeroportos clandestinos na Amazônia realizado pelos serviços de informações da Aeronáutica, e Exército, um grande número de campos de pouso poderá ser bombardeado e destruído; isto causa sérios embarços às corporações multinacionais fornecedoras de produtos químicos essenciais ao refino de cocaína. Só do éter são necessários 12 quilos, para que cada quilo de pasta seja transformado em 1 kg de cloridato de cocaína. Sem este não há como obter o produto acabado.

Em 1988 a Colômbia produziu 310 toneladas de cocaína, representando isso 7.130 milhões de dólares. Foi o único país da América do Sul cujo PIB teve crescimento, não obstante a guerrilha e seu caos institucional. Vale dizer que a cocaína representou mais de toda a renda anual obtida com a exportação do café, até pouco tempo atrás o principal produto do país. No caso da Bolívia, a coca sozinha valeu 600 milhões de dólares contra 400 milhões que lhe renderam somados à totalidade de seus produtos de exportação.

Finalizando, é por demais simplista pensar que a complexa rede da cocaína se limita a produtores, consumidores, políticos e policiais cooptados. Em se tratando de um negócio extremamente lucrativo, muitas altas figuras das finanças internacionais, aparentemente cidadãos acima de toda e qualquer suspeita, estão de corpo e alma nele.

O projeto Calha Norte fere interesses no que diz respeito à ampliação das plantações e refino da cocaína. Ao impedir a expansão dos tóxicos para dentro da Amazônia brasileira contraria grupos poderosos que, se empenham em desmoralizá-lo junto à opinião pública nacional e internacional.

O professor Argemiro Procópio e pesquisador da ecologia e problemas amazônicos desde 1980. Atualmente é professor do Deptde Política e Relações Internacionais da UnB.